

**AS LÍNGUAS INDÍGENAS DA COMUNIDADE DO ARAÇÁ: DO
ENSINO NA ESCOLA COMO SEGUNDA LÍNGUA À
REVITALIZAÇÃO LINGUÍSTICA COMO
FORTELECIMENTO CULTURAL**

José Ângelo Almeida Ferreira (UERR)

angelusalmeida@hotmail.com

Alessandra de Souza Santos (UERR)

profalessandradess@gmail.com

RESUMO

Ao longo da história da humanidade o contato entre línguas e culturas sempre foi necessário, seja por motivos militares, político-econômicos ou por questões de comercialização. As línguas se inter-relacionavam gerando um tráfego entre os idiomas e suas culturas. Esta alternância entre um ou mais idiomas ocorreu explicitamente com todas as facilidades e dificuldades, claro, se pensarmos na língua como um constructo formado por código e cultura ligados num processo de diálogo constante. Nos dias de hoje, não é tão diferente, visto que a língua é o elemento intermédio entre a realidade e a representação dessa realidade por meio da linguagem/sistema de signos. A comunidade do Araçá, localizada na Terra Indígena do Araçá, ao Norte do Estado de Roraima, apesar de pequena, possui uma peculiaridade interessante, a escola estadual tenta ensinar 03 idiomas indígenas distintos dentro de um mesmo ambiente escolar utilizando a língua portuguesa como gancho para tal aprendizado, dado comprovado por este pesquisador. Entretanto, em nosso Estado ainda não há estudos que identifiquem se as metodologias de ensino de línguas dentro das salas de aulas indígenas, e se elas são efetivamente úteis à necessidade de ensino, apenas algumas propostas que não suprem a atual necessidade do saber que hoje temos.

Palavras-chave:

Etnografia. Fortalecimento Cultural. Ensino de Línguas.

1. Introdução

Nosso país, o Brasil, é considerado, historicamente, um país multilíngue, pois antes mesmo da chegada dos primeiros colonizadores, em nosso caso os portugueses, a pluralidade de línguas indígenas aqui já faladas era imensa, O professor Aryon Rodrigues (1993) estima um apanhado de cerca de 1.200 línguas indígenas já faladas em território brasileiro, entretanto, muitas delas se perderam com o passar dos anos. Durante o período de colonização portuguesa, vieram para o Brasil, além do vernáculo português, línguas africanas com os negros escravizados bem como as primeiras línguas de imigrantes.

Essa multiplicidade de línguas convivendo mutuamente em território nacional envolve questões linguísticas com certa complexidade para comunicação entre os falantes e acesso à informação e ao ensino educacional, pois ainda conforme Rodrigues (2013) “[...] existem mais de 200 línguas e só ensina português” como defesa para inclusão destas mais de 200 línguas nativas nos currículos dos cursos de Letras.

Este trabalho busca descrever em como funciona o trabalho de professores ao ministrar distintas línguas em um mesmo ambiente escolar para alunos de séries também distintas.

2. As línguas indígenas e sua diversidade

O Brasil é historicamente um país multilíngue, fato corroborado por Rodrigues (2013), relatando que “embora a maioria dos brasileiros tenha a impressão de viver num país monolíngue, o Brasil é na verdade multilíngue, pois são aprendidas como língua materna cerca de 180 línguas indígenas”.

As línguas indígenas, como todas as outras línguas, são línguas no sentido pleno do termo em relação a qualquer outra língua falada no mundo, e por isso, possui suas características gramaticais e vocabulários próprios, onde cada comunidade cria sua própria maneira de usar a língua, e por isso formar professores indígenas que sejam atuantes nessa área linguística é de fundamental importância, pois como destaca Rodrigues (2013),

Infelizmente, [...] linguistas não gostam do nosso trabalho, têm o pensamento primário de que, se ensinarmos para os índios, o que vai sobrar para a gente? Querem usar o índio somente como informante e deter o conhecimento da língua indígena. (RODRIGUES, 2013)

O interessante disso é que nos dias de hoje não é mais apenas o índio que detém o conhecimento da língua, uma vez que não existem línguas em uso mais ou menos pobres, mais ricas ou menos ricas em comparação com outras línguas em uso com poucas palavras ou com vocabulário extenso, línguas sem gramática, ou com gramática simples, em oposição a línguas com gramática complexa, pois todas possuem certa ou total complexidade em uso ou ainda línguas com sons esquisitos, glotais mais puxados que outros, e outras com sons normais, causando aprendizado de outros falantes de daquela língua.

Não existe uma língua que se caracterize como primitiva, dado que toda língua é completa e rica, servindo inteiramente para todos os usos que dela se possa fazer, não apenas para determinada comunidade/sociedade, mas a todos aqueles que querem e/ou precisam fazer uso dela, seja apenas para comunicação entre si ou para concretização de mercado com outras pessoas.

Toda e qualquer língua é o alicerce da civilização, é o elemento que une as pessoas indiferente de cor, raça ou credo, e é o primeiro artifício a ser utilizado em qualquer situação de barganha ou conflito, e as línguas indígenas são as que mais sofreram/sofrem com esses confrontos que já se arrastam por mais de 500 anos desde o “descobrimento” do Brasil, pois conforme Leite e Franchetto (2006),

Falar dos povos indígenas, e sua dolorosa história, no decorrer destes 500 anos de conquista e dominação, remete inexoravelmente a números, na maioria das vezes meras deduções, mas que têm de comum quantificar perdas e extermínios. (LEITE; FRANCHETTO, 2006)

Nosso alvo de estudo não se distancia muito desse contexto histórico, pois as línguas aqui estudadas estão passando por uma espécie de reaprendizagem através do ensino na escola, e cada etnia aqui estudada possui suas características linguísticas, um modo próprio de organização para conviverem em sociedade democrática, de pensar e de conhecer o mundo natural, o qual vive, e o sobrenatural ou espiritual que cada etnia possui tornando-se peculiaridade imutável.

O espaço linguístico aqui estudado possuiria na língua carib, o makuxi e o taupang, não cabendo nominá-las como tronco porque pertencem várias outras línguas, assim como o wapichana que, do ponto de vista da classificação genética, é considerada como pertencente à família aruak (RODRIGUES, 1986), formando uma conjuntura em que povos distintos formam um sistema não apenas multilíngue, mas multiétnico também.

Vista a necessidade da realização de um estudo linguístico sobre essas questões até então não estudadas, originou-se naturalmente o querer de realizar um estudo que descreva o uso dessas línguas e que seja meticolosamente estruturado de acordo com a objetividade de preservar e revitalizar as línguas lá estudadas para conhecer seus domínios de uso, pois isto é essencial para conhecer e fazer uma avaliação sobre a vitalidade das línguas e suas prováveis perdas.

3. Revitalizar e preservar

Não por acaso, como a grande maioria das línguas minoritárias, a massa linguística indígena sofre com a ameaça de extinção, sejam pelos mais diversos motivos, pois seus próprios falantes aprendem primeiro o português para somente depois aprenderem a língua indígena, caso comprovado com esta proposta, as crianças vão à escola para aprender a ler e escrever em línguas indígenas.

Sempre que uma língua deixa de ser falada, extinção, o mundo fica um tanto mais desvalido em sua imensa diversidade, uma vez que a cultura transmitida através daquele idioma ficará perdida aos ventos. A Escola Tuxaua Raimundo Tenente promove uma política de estudos voltados ao ensino de línguas como forma de revitalizar e preservar os costumes mais antigos, como forma de combater a extinção que futuramente poderá acontecer.

Tentando combater o preconceito que existe dentro da própria comunidade de falantes, onde jovens não se interessam em aprender e acabam optando por fazer uso da língua portuguesa, fato reforçado por Maia (2006) que relata,

O preconceito de que os indígenas brasileiros são alvo por parte de muitos brasileiros não indígenas é, sem dúvida um dos fatores responsáveis pelo desprestígio, enfraquecimento e desaparecimento de muitas línguas indígenas no Brasil. (MAIA, 2006, p. 70)

Com uma visão que combate de forma direta isto, a escola promove e incentiva pesquisas e estudos dentro da própria comunidade, levando as crianças do ensino fundamental para aulas fora da sala de aula, apresentado nomes de objetos, animais etc. e costumes rotineiros da comunidade, segundo Bortolon (2014),

[...] se diferenciam ao promoverem uma pedagogia indígena que trabalha com conteúdo que possa ser útil à sua vida cotidiana, sobretudo visando a revitalização e valorização da cultura indígena. (BORTOLON, 2014, p. 96)

A escola segue um projeto em que a alfabetização acontece na língua indígena, com livros em suas respectivas línguas indígenas, sem o uso da gramática portuguesa, usando apenas às vezes e em momentos oportunos da alternância com a língua portuguesa, visto que lá possui um currículo de professores e disciplinas básicas que são utilizadas para o ensino daquela que deveria ser língua materna.

Segundo Maia (2006),

[...] as escolas indígenas deveriam, diferenciarem-se, também, no sentido de superar uma prática muito comum – a de reproduzirem acriticamente os procedimentos pedagógicos e a visão de língua e de gramática predominantes a escola tradicional não indígena [...] Do ponto de vista científico, o adequado é que os gramáticos apenas registrem formas linguísticas que observam em uma comunidade, sem ditar regras e sem escolher as formas que acham mais “certas” ou mais “bonitas”. (MAIA, 2006)

Nos dias de hoje, muitos povos indígenas são bilíngues, em nosso caso, professores trabalham para que as crianças tornem-se futuros políglotas. Existem alguns povos que falam apenas uma língua e outros que estão aprendendo outras para comunicação na hora de mercado de produtos, mas agora é uma obrigação da escola ensinar os mais jovens a língua para que não seja perdida no tempo e nem suas crenças e mitos sejam esquecidos com o passar do tempo.

4. Um breve diálogo sobre o Município de Amajari

O Município de Amajari foi criado com terras desmembradas do município de Boa Vista, pela Lei nº 097 de 17 de outubro de 1995. O primeiro morador não indígena, Senhor Brasil, chegou à região em 1975, dando nome ao lugar.

O município está localizado ao Noroeste do Estado de Roraima, a 158 km da capital Boa Vista, fazendo limite com a Venezuela a oeste e ao norte; Pacaraima a leste; Boa Vista ao sudeste e Alto Alegre ao Sul.

De acordo com o site cidade-brasil, o município possui uma área de aproximadamente 28.472 km, sendo que 16.790 são terras indígenas, a Terra Indígena do Araçá, tendo assim uma participação de 12,70% de terras indígenas em relação ao Estado e de 58% em relação ao total do Estado. Essas informações são primordiais para que se possa compreender o quanto a cultura indígena se faz presente no Estado de Roraima e em especial no município do Amajari.

Tem como principais rios o Uraricuera, Parimé e Amajari (este último que dá nome à cidade – Lei nº 097/95) e uma população de 6.506 habitantes (IBGE/censo, 2010). Possui basicamente dois tipos de clima: Awí, que é o clima tropical chuvoso de savana, com um pequeno período de seca, e o Ami, clima tropical chuvoso de monção no extremo leste e quente, possuindo estação seca. Já a temperatura média do município é de 26° C. (AMAJARI, 2010). Quem nasce no Amajari é *amajariense*.

Uma curiosidade a ser mencionada é sobre o nome Amajari, que

na língua caribe significa literalmente “bicho do rio” (mauaré-uari).

5. *Dos povos indígenas da Comunidade do Araçá*

A Comunidade em questão é a segunda maior em população, porém, conta apenas com 393 habitantes. De acordo com dados da FUNASA (2012), ela é composta pelos povos indígenas macuxi (114), Wapichana (231) e o restante por taurepang (48). Na tangente sobre a língua falada, Bortoloni (2014) afirma que 20% da população é bilíngue, porém, fica a cargo dos mais velhos esse número, e que, são falantes de macuxi e wapichana.

Etnomapa da Comunidade do Araçá em desenho feito a mão.



Fonte: Silva (2013)

De acordo com o Etnomapa e após a visita realizada na comunidade, grande parte das casas são construídas da maneira tradicional indígena, paredes de barro e cobertas por palhas, porém, conta com algumas casas em alvenaria. A comunidade possui duas escolas, uma estadual e outra municipal. Com a visita foi constatado que a escola Estadual funciona em três turnos com demandas de Ensino Fundamental, Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos (EJA), e a Escola Municipal funciona apenas com a Educação Infantil.

Makuxi – O povo macuxi, também conhecido como macushi, pertence à família linguística karib e antigamente habitavam a região das Guianas entre as cabeceiras dos rios Brancos, Brasil, e rio Rupununi, Guiana. A denominação macuxi é um contraste com os povos vizinhos,

os taurepang, arekuna e kamarakoto, todos também falantes da língua pertencente à família karib.

Taurepang – Povo que também pertencente à família linguística Karib, os Taurepang se encontram em sua maior parte na savana venezuelana e a grande parte que vive no lado brasileiro estão nas aldeias das Terras Indígenas São Marcos e Raposa Serra do Sol. Os taurepang é o povo como menor concentração de indivíduos na Comunidade com o total de apenas 48 (FUNASA 2012).

Wapichana – Distinto aos povos anteriores, o wapichana é pertencente à família linguística aruak. Este é o povo que mais possui indivíduos na Comunidade perfazendo o total de 231 pessoas (FUNASA 2012). O povo wapichana ocupam habitualmente o Vale do Rio Tacutu, ao lado do povo macuxi, os quais também habitam a chamada região das Serras, Uiramutã, leste de Roraima. Segundo o *website* do Conselho Indígena de Roraima, os wapichanas constituem a maior população de falantes de aruak no norte-amazônico. Ainda segundo o *website* do CIR, os wapichanas que vivem no lado brasileiro possuem um zelo significativo para com sua língua, entretanto, apenas com os mais velhos.

6. Descrevendo o campo de pesquisa

A Escola Estadual Indígena Tuxauá Raimundo Tenente é de educação indígena, ensino fundamental e ensino médio, que fica localizada na Comunidade Indígena do Araçá, Amajari. Segundo dados do Censo de 2017, a escola possui alimentação para todos os alunos, água de poço artesiano e energia da rede pública. Possui equipamentos como computadores e impressoras, aparelhos televisivos e retroprojektor. Conta ainda com 05 salas, 23 funcionários, cozinha, banheiro dentro do prédio e sala de secretária, site Escola.

A Escola alvo possui um total de 139 alunos regularmente matriculados. No ensino Fundamental 1, há um total de 55 alunos matriculados. Em entrevista com a vice-gestora, desvelei que o plano de Ensino da Escola é elaborado em parceria com os professores que se reúnem e o elaboram para o ano inteiro.

O plano é elaborado apenas pelos professores, sem ajuda da comunidade. A secretaria de Educação e o Município do Amajari não possuem participação efetiva em sua elaboração. Foi constatado que a escola não possui livros de ensino de línguas indígenas adequados, ficando a

carga dos professores de cada língua possuírem seu próprio material de consulta.

7. Da metodologia de aplicação de aula

A metodologia utilizada pelos professores em questão encaixa-se na Abordagem Direta, pois ela a precede de pouco tempo, já que é resultado da necessidade de aprendizagem imediata, pois conforme os exemplos aqui tratados, se uma determinada palavra parecer provocar uma determinada situação e se tal enunciado parece corresponder a tal necessidade, então será ensinada tal palavra, esse enunciado em um ambiente que nos pareça análogo, sem algumas vezes passar nem pela tradução, como no caso do ensino de cantos, nem pela explicação lexical ou gramatical daquela palavra, entretanto, de acordo com Martínez (2009),

[...] há necessidade de recorrer a subsídios para mostrar diretamente do que se está tratando, livros, todos os objetos e acessórios úteis à compreensão. É preciso pensar em dispositivos [...] assimilar pouco a pouco elementos linguísticos em situação, de modo a fazê-lo pensar, assim que possível, na segunda língua. (MARTINEZ, 2009, p. 52)

A falta de material apropriado, livros, para o lecionar dessas aulas causam certo desconforto nos próprios professores que ministram os aqueles conteúdos, já que as aulas ocorrem de maneira simultânea nas três línguas alvos, sendo um professor por vez a ministrar um determinado conteúdo, vindo outro seguida ministrando o mesmo conteúdo, porém, em ordem distinta àquela que o anterior vinha promovendo, tal como explicito abaixo.

NANAA	MAIMAKUSIPE	KAARETA
KARICHI	O'MA	KAWAARE
TARARAN	MORO'	TUNA
TARARAM	TUNA	KAPÜY
ATURY	ENUPATOR	KAYWARAK
PYMYDY	PAAKA	ERUPPA
WYRADA	PISANA	KOIME
TABAI	YOROI	KO'WAY
AREMARAKA	KAIWARA'	KUSSARI
TUBUCHI	PANTON	KAYKUSE

Para compreensão deste conteúdo, os professores escrevem primeiro palavras aleatórias em língua portuguesa e somente depois como a descrição acima, palavras nos idiomas alvos novamente de forma aleatória, momento em que partimos para a Metodologia Áudio Visual, utilizando da memorização e repetição com correção fonética, pois conforme Martinez (2009);

O trabalho consiste em fixar, depois em reter, em formas aceitáveis desde o ponto de vista da norma – de onde a correção –, os elementos apresentados e explicados de modo que eles possam ser evocados, ou seja, de modo que possam retornar para uma utilização efetiva. (MARTINEZ, 2009, p. 60)

Nesse momento, há a distinção entre competência passiva e ativa de elementos para seu reconhecimento, a sua decodificação no momento da escuta que não autorizam forçosamente sua utilização por ocasião de uma produção pessoal, Martinez.

Esta abordagem, também considerada universalista, Martinez (2009) não se trata de exercícios baseados em uma descrição contrastiva da língua, mas em métodos contextualizados, adaptados a esse ou àquele grupo linguístico se liberam dessa restrição.

Um fato a se mencionar e de muita importância para este trabalho é sobre o material de apoio para os professores, livros, pois é extremamente escassa a produção de livros que contemplem claramente aquilo que se busca ensinar, pois para cada professor há apenas um livro para cada disciplina para o ensino de língua indígena, e todos pertencentes aos seus respectivos professores de ensino, os quais elenco abaixo:

- Macuxi: Makusi Maimu, Língua Makuxi – Guia para aprendizagem e Dicionário Makuxi, de autoria de Emanuele Amodio.
- Taurepang: Uupatakon Epuito.
- Wapichana: Wapichan Paradania'anauchapkary Pabinakna'ik-kadyzykid', lançado pela Universidade Federal de Roraima em parceria com o Insikiran.

8. Dos Dados Coletados

Dados 1º ano – Ensino Fundamental I

Foram presenciadas 2 aulas em diferentes turmas, uma de 1º ano e outra de 4º ano, onde constatamos a seguinte diferença durante o ensino

das línguas: No 1º ano, é trabalhado apenas o oral, com canções e pronúncias de cumprimento que ocorrem no dia a dia das crianças na escola.

A professora Perla da Silva, professora do 1º ano, acredita ser satisfatória a participação dos alunos no aprendizado da nova língua, pois como ela relata “os alunos gostam e valorizam o aprendizado de taurepang”

Dados 4º ano – Ensino Fundamental I

Nas aulas da turma de 4º ano, sala na qual ocorre o ensino simultâneo das 3 línguas indígenas, os professores trabalham em conjunto ao mesmo tempo, sendo verificado que não há uma ordem específica para o ensino, sendo alternado a todo o momento a ordem de ensino, porém, usando o mesmo quadro para as mais diversas atividades, ocorrendo uma seguida da outra. A professora Keila Barroso, de língua makuxi, afirma que sente motivada a ensinar essa nova língua, pois ela relata que “todos os alunos fazem questão de aprender a nova língua”.

No 4º ano, é contínuo o trabalho do oral, mas agora em conjunto com a escrita e ensino de palavras que utilizam pronúncias com paradas glotais⁵⁷ que segundo Sobral (2010, p. 9), “a parada glotal, que se escreve com apóstrofe, é um corte rápido da respiração. [...] muda não somente a pronúncia da palavra, como também o significado da palavra”.

Na comunidade do Araçá, foi constatado que a língua wapichana sobrepuja o makuxi e taurepang, mas em relação ao número de falantes, o macuxi é o mais falado, sendo seguido pelo wapichana e taurepang. O makuxi é o mais ensinado dentro da escola, e novamente, sendo seguido por wapichana e taurepang.

Sala de aula com total de 10 alunos, sendo que 5 desses alunos são fluentes em língua wapichana, 2 em macuxi e 3 em taurepang.

Nesta turma, são trabalhadas simultaneamente as três línguas indígenas com a presença de 3 professores com fluência em cada uma das línguas e a vontade de “mostrar a especificidade da língua e seu povo pelas mudanças que lhe são únicas” (LEITE; FRACHETTO, 2009), onde também percebemos o fervor na hora do cantar das canções indígenas,

⁵⁷ Vide também, As cavidades supra glotais – A faringe, descrita no livro Manual de Linguística, de Marcus Maia.

sendo trabalhada a oralidade durante a canção, metodologia Áudio Visual, que também são cantadas nas três línguas, uma seguida da outra.

Constatamos que o ensino ocorre somente na escola, pois muitos dos pais não falam qualquer dos idiomas indígenas, o que causa certa dificuldade na hora do aprendizado.

9. Considerações finais

As línguas naturais humanas mudam no tempo, e cada uma possui história própria, visto que em sua inteira essência incorporam palavras emprestadas, os chamados empréstimos linguísticos, de outras, e, além disso, seus processos gramaticais se alteram. Toda e qualquer língua apenas desaparece se desvanece se seus falantes são assimilados à força por outro povo mais forte, mais dominador, seja em questão do comércio que é realizado em sua grande maioria na língua portuguesa ou apenas pela grande maioria de falantes apenas não apetecer aprender o idioma que deveria ser primeira língua.

Comprovamos que não há uma espécie de perda da cultura no uso da língua, mas uma tentativa de resgatar o que está se perdendo, pois os adolescentes e os mais velhos da comunidade não estão sujeitos a aprender as novas línguas, e a Escola, num esforço cultural, tenta ensinar os costumes e tradições por meio de danças, desenhos e mitos da própria comunidade, pois a língua ensinada está intimamente ligada à cultura, aos seus costumes, usos e crenças do povo que a fala.

Entretanto, um ponto negativo analisado e que há grandes chances do taurepang chegar a ser extinta, pois os próprios moradores afirmam que a língua possui poucos falantes, e ainda como afirma Aryon Rodrigues (2012) “As línguas mais imediatamente ameaçadas de extinção são naturalmente aquelas com menor número de falantes”, pois justamente o taurepang é a língua que menos têm falantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORTOLON, Maria Delci Oliveira. *Terra Indígena Araçá-Roraima: Continuidades e Transformações Envolvendo Coletividades Macuxi*. (Tese de Mestrado). Centro Universitário Univates. Programa de Pós Graduação *Stricto Sensu*. Mestrado em Ambiente e Desenvolvimento. RS, 2014.

Cidade-Brasil. Município de Amajari. Disponível em: <https://www.cidade-brasil.com.br/municipio-amajari.html>. Acesso em: 08/10/2018.

CONSELHO INDÍGENA DE RORAIMA. Dica de Leitura. Disponível em: <http://www.cir.org.br/>. Acessado em: 10/05/2016.

Escol.as. Escola Indígena Tuxaua Raimundo Tenente. Disponível em: <https://www.escolas/11847-escola-estadual-indigena-tuxaua-raimundo-tenente>. Acesso em: 20/09/2018.

FUNDAÇÃO NACIONAL DE SAÚDE (FUNASA). *Dados populacionais das Aldeias Araçá, Guariba, Mangueira, Mutamba e Três Corações*. Roraima. 2012.

LEITE, Yonne. FRANCHETTO, Bruna. 500 anos de línguas indígenas no Brasil. In: Suzana A. M. Cardoso, Jacyra A. Mota, Rosa Virgínia Mattos e Silva (Orgs). *Quinhentos Anos de História Lingüística do Brasil*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2006. pp. 15-62. ISBN 85-232-0260-9.

MAIA, Marcus. A Revitalização de Línguas Indígena e seu desafio para a educação intercultural bilíngue. In: *Tellus*, ano 6, n. 11, p. 61-76, Out. 2006.

MARTINEZ, Pierre. *Didática de línguas estrangeiras*. Trad. de Marco Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2009.

RODRIGUES, Aryon Dal'Ígna. *Línguas brasileiras*. Para o conhecimento das Línguas indígenas. São Paulo: Loyola, 1986.

_____. *A originalidade das línguas indígenas brasileiras* [conferência realizada na inauguração do Laboratório de Línguas Indígenas da Universidade de Brasília em 08 de julho de 1999]. Brasília, DF: Laboratório de Línguas Indígenas, 2013. 17 pp. Disponível em: <<http://www.laliunb.com.br>>.

_____. Línguas indígenas: 500 anos de descobertas e perdas. *ELTA*, v. 9, n. 1, p. 83-103, 1993.

SILVA, Airton dos Santos. *Etnomapa da Comunidade Mangueira*. 2013.

SOBRAL, André. Anna Esenyaka' Eperu. André Sobral André, coordenador; Adear Fidelis Magno *et al.* Boa Vista: Departamento de Gestão do Interior. Divisão de Educação Indígena.